

# Marlos Nobre: uma saída à francesa

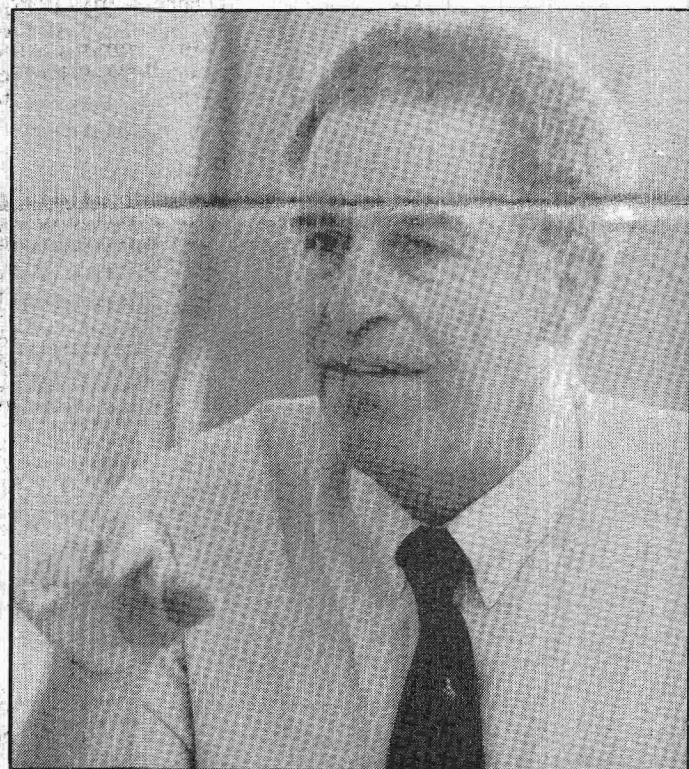
CORREIO BRAZILIENSE

Artista brasileiro reconhecido no mundo inteiro, o compositor Marlos Nobre vai se ausentar do Brasil na próxima semana. Mas não volta para sua cadeira na FCDF. Vai sair de fininho

Alexandre Ribondi

No próximo sábado, 15 de abril, o diretor-executivo da Fundação Cultural do Distrito Federal, o compositor Marlos Nobre, e sua esposa, Maria Luiza Nobre, chefe de gabinete e diretora de promoções da mesma casa, partem em viagem para o exterior. Como ele é um artista brasileiro de reconhecimento internacional, a viagem não é exatamente uma novidade nem chega a quebrar a rotina. Mas eles vão e não voltam, é o que se comenta em qualquer dos corredores da FCDF e da Secretaria de Cultura do Distrito Federal, sem que ninguém queira confirmar.

O que será resolvido, na verdade, é a saída definitiva - e muito esperada - de Marlos Nobre e sua esposa da direção da Fundação Cultural, mesmo que seja com esta súbita viagem sem retorno programada para o final de semana. Uma saída à francesa, sem dúvida, que serve muito bem para fechar um ciclo, iniciado há dois anos, quando o compositor chegou a Brasília vindo justamente da França, onde trabalhava nos escritórios parisienses da Unesco. Na época de sua chegada à cidade, a capital da República estava acalentada pelos sonhos de se ver patrimônio cultural da humanidade, projeto lançado pelo então governador José Aparecido. As peças se encaixaram como uma luva de corte perfeito e a notícia espalhada foi a de que Marlos Nobre estaria na cidade para adoçar o bico da Unesco que, aí sim, daria o voto definitivo para a historicidade brasiliense. Mas o tempo mostrou que não era nada disto.



ITAMAR JARDIM LOPES  
Para ele, faltou uma boa administração

Tanto Marlos Nobre quanto Maria Luiza Nobre deixarão a Fundação Cultural (se forem confirmados os rumores da surpreendente viagem) totalmente desarticulada. Nada funciona e o prédio mostra que é, no momento, um ambiente entregue às moscas. Na análise de Itamar Jardim Lopes, chefe do Departamento de Administração Geral, que chegou ao cargo dia 15 de março a convite do próprio Palácio do Buriti, "o que faltam são uma boa administração aqui dentro e capacidade para gerir seus próprios orçamentos". O que isto quer dizer, ele também explica: "Em nome de uma pretensa ajuda à cultura, Maria Luiza Nobre tinha o hábito de dispensar as companhias teatrais do pagamento da taxa de ocupação das salas do Teatro Nacional". O resultado deste gesto foi o sumiço das verbas.

E aí vieram as consequências. O ator Marcos Frota, que esteve recentemente em Brasília com sua peça *A Cerimônia do Adeus*, denunciou, ao final de cada espetáculo, "as péssimas condições do som da sala Villalobos". Nos camarins, a situação é idêntica: faltam até mesmo os bucólicos e domésticos ferros de engomar para as camareiras. Não só isto: foi justamente Itamar Jardim Lopes quem conseguiu repôr nos banheiros os rolos de papel higiênico desaparecidos. Dos 15 carros da FCDF, 11 estão atualmente quebrados. A contabilidade está com 12 meses de atraso e, há poucos dias, para aumentar a lista de fatos ridículos que sondam o prédio da FCDF, o restaurante interno para funcionários, responsável por 180 refeições diárias, correu o risco de fechar as portas.

Com a crise da carne bovina que o País, atravessa, a Fundação Cultural não tinha como se abastecer diretamente na SAB. Ou recorria a outros supermercados particulares ou passava para a carne de porco, o peixe a linguça. Assunto frugal? Nem tanto, porque foi a seguinte a resposta de Marlos Nobre, segundo informação do Departamento de Administração Geral: "Peixe e carne de porco são alimentações para nobres. Prefiro que fechem o restaurante". Não fechou e quem for lá, hoje, pode encontrar, no cardápio, costelinhas de porco ou peixe com batatas. Se há um motivo para a resposta de Marlos Nobre, Itamar

Jardim Lopes sabe qual é: "Desinteresse do diretor da casa".

Desinteresse ou não, já não é a primeira vez que Marlos Nobre passa por constrangimentos idênticos. Quando esteve na Unesco, saiu de baixo de um clima de desconfiança e acusações. Ele teria consumido, em um ano, a verba para 24 meses. Por isso teve que se contentar com um posto em Brasília, a pedido do Palácio do Planalto - e a história de sua presença ajudar a decisão do tombamento de Brasília pela Unesco foi apenas uma invenção, com toques divinos. A cidade engoliu a história, temporariamente. Na verdade, parece que Marlos Nobre usa os canais oficiais não em proveito próprio, como é de hábito no Brasil, mas para detrimento próprio, talvez por incompe-



## NOBREZA

Ele veio de Paris, provocou tumulto e vai embora discretamente

tência de gerenciar sua própria imagem.

Este apadrinhamento da família Sarney, de qualquer jeito, é muito consistente. Há duas semanas, a secretária de Cultura, Laís Aderne, munida de suas competências como presidente do Conselho Deliberativo da Fundação Cultural, pediu o afastamento de Maria Luiza Nobre do cargo de diretora de Promoções. Marlos Nobre retirou-se da sala de reunião como um furacão do "eu sozinho". Mas saiu diretamente para o Palácio do Planalto que, em seguida, comunicou-se com o Buriti e impediu que a demissão fosse levada a cabo.

Itamar Jardim Lopes afirmou: "Ele segura processos importantíssimos em sua gaveta apenas por picuinha, para mostrar que pode fazer o que quiser". Um capricho caríssimo aos cofres públicos. Quando tentou explicar porque nem ele nem sua esposa jamais compareciam à Fundação Cultural no período da manhã (o que é, em princípio, exigido de qualquer funcionário público), respondeu: "Não venho porque um minuto de minha música vale mil dólares". Se é assim, se

suas notas musicais têm uma cotação tão alta, por que ele se sujeita a um emprego de R\$ 1.070,00 ao mês, mais NCZ\$ 60,00 de abono, que lhe carrega humilhações, agressões e campanhas de bota-fora? Para muitos é picuinha mesmo. Para outros, tudo indica que o compositor e sua esposa estão em um beco sem saída e não têm, no momento, um lugar para se instalar e receber o cérebro mil dólares ao minuto que são deles por direito.

Mesmo assim, tudo continua como antes no quartel de Abrantes. Os corredores da Fundação Cultural, ontem pela manhã, mostravam o mesmo ar de abandono, a mesma poeira pairava sobre os móveis e os funcionários do gabinete do diretor avisavam o que todos já sabem: "Marlos Nobre e Maria Luiza não estão. Foram a uma reunião". Um destes funcionários, Eduardo Muller, que por ter se tornado ajudante direto dos Nobre ganhou a antipatia de toda a classe artística brasiliense, de uma baforada em seu cigarro, refletiu e afirmou de boca cheia: "Eles não caem, eu duvido". Mas abrandou o tom peremptório: "Cada um tem sua opinião, não é?"